XI Encontro Internacional dos Fóruns VII Encontro Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano

09-12 JULIO | 2020

Paseo La Plaza - CABA
Av. Corrientes 1660

Buenos Aires
Argentina

“Apropriar-se do inapropriável?”

Sara Rodowicz-Ślusarczyk

O tema do nosso Encontro ressalta a questão do tratamento do corpo em articulação com a questão do tempo, ou mais precisamente a época em que vivemos. Quando escutei o título, busquei imediatamente sua tradução em meu idioma. Não é o corpo que representava um problema, mas a noção de tratamento. Não se pode falar de “tratamento” em polonês para designar ao mesmo tempo uma maneira de tratar algo e um cuidado, inclusive uma cura. Assim, pensei que esta questão de tradução, pertinente para nossa comunidade e para a época, é somente o começo de um problema frutífero. Algo já está suposto no próprio conceito de tratamento. É essa coisa que é tratada – o corpo neste caso. Este corpo sobre o qual Lacan dizia nos últimos anos de seu ensino para seu auditório: “O corpo, isso deveria surpreendê-los mais!”. Noto que Ramon Miralpeix escreveu seu prelúdio chamado “Para que haja um corpo” com a ideia de não considerar o corpo como uma evidência, no centro da experiência clínica. Chantal Degril começou seu texto com a citação de Lacan na qual nos lembra: “é ter um corpo, e não sê-lo, o que caracteriza o humano”¹

De minha parte, é uma leitura recente o livro de Giorgio Agamben intitulado *O uso dos corpos*² que me leva a aprofundar esta ideia muito lacaniana de “ter” um corpo e a justapor a noção de tratamento com a de utilização, noção desenvolvida pelo filósofo italiano.

Parece-me importante questionar este verbo “ter” – ter um corpo no século XXI, especialmente no contexto do discurso capitalista. Para começar, apesar de estarmos acostumados a associar “ter” com a propriedade, “ter” pode significar “poder fazer com algo”, mas também “ter que fazer com algo”, estar obrigado por algo que se tem. E também podemos “ter” uma doença que seja curável ou não, como o desejo. Segundo Agamben, o corpo, o idioma e a

¹ A citação é: “*LOM, LOM de base, LOM cahun corp et nan-na Kun. Faut le dire comme ca : il ahun... et non: il estun... (cor/niché). C'est l'avoir et pas l'être qui le caractérise.*” LACAN J. *Joyce O Sintoma*, Outros Escritos.

² AGAMBEN GIORGIO, *O uso dos corpos, Homo Sacer, IV.*

paisagem são as três coisas inapropriáveis para o ser humano. Para ele, uma condição lógica em reação ao inapropriável é nunca “possuir”, uma possibilidade que Agamben chama o uso.

Em seu prelúdio, Colette Soler sublinhou um ponto importante de orientação para o tema – a psicanálise trata os corpos já tratados pelo discurso. Neste “já tratados”, pode-se acentuar a marca de um traço ou, ao contrário, uma suposição. Vou me deter neste último ponto. Trata-se da suposição de um tratamento prévio e em seguida algo do corpo nos escapa como o tratamento o exige. Em psicanálise é nossa tarefa explicar como. O que está escapando? O tratamento repetitivo do corpo pela palavra vai criando milagrosamente a unidade deste corpo já que o tratamento deve supor seu objeto de maneira lógica. Mas esta suposição também parece ocultar a significação que se cria a partir dela. Para elaborar um mergulho nas premissas dessa discussão poderíamos tentar parafrasear a Lacan: “Que haja um corpo, fica esquecido detrás de seu uso no seu tratamento.”³. Colette Soler também parece assinalar este problema da inacessibilidade do corpo quando diz que os corpos já tratados pelo discurso não podem satisfazer os sujeitos em nossa experiência clínica.

Poderia parecer que o tratamento se preocupa mais de seu objeto, enquanto que o uso o considera apenas como um meio para outra finalidade. Não é isso o que sustento aqui. Considero que o “tratamento” implica mais distância com o objeto tratado o que não é o caso do uso. E a finalidade em questão da qual o “uso” seria o meio é precisamente o gozo indissociável do corpo.

No tratamento do corpo pelo fantasma, por exemplo, a aptidão de um corpo para ser imaginado como um todo, como um objeto separável é utilizada pelo sujeito enquanto que está tomando seu modo de ser para desconhecer-se. Este modo de ser é sempre um “ter que fazer” com o Outro da “parcialidade” permitida pelas pulsões. Assim o problema é a posição indecisa em relação ao gozo, que segue sendo atribuída ao Outro pelo sujeito. O sujeito vacilando no e/ou para salvar seu ser para outro tempo. Esta seria a hipótese inconsciente de uma significação no tratamento pelo fantasma, que aposta fazer um lugar ao ser do sujeito. Pode-se inclusive dizer, uma aposta de amor próprio, que cria significação e é um salto para o futuro anterior.

Mas, onde está o corpo em sua realidade corporal frente aos saltos deste sujeito? Não está condenado ao *jetlag*? Com seu peso, arrastando-se detrás dos jets⁴ deste salto no futuro que é o sujeito. Um *jetlag* de anos, metáfora que devo a uma analisante que assim nomeou seu sintoma de insônia. Durante o que deveria ser a “paz da noite”, no momento em que o corpo fica fora de uso, o potencial latente do sintoma permanece agitado, fala do corpo através de

³ Refiro-me à famosa frase de Lacan “Qu’on dise reste oublié derrière ce qui se dit dans ce qui s’entend.” em « O Aturdido », *Outros Escritos*.

⁴ O termo inglês *jetlag* se compõe do *jet* que significa avião, mas também *jet* e *lag* que significa um intervalo de tempo e a ação de ficar atrás.

pesadelos, mostrando que se pode efetivamente dormir furiosamente⁵. Mas brincando com as metáforas contemporâneas e históricas, não seria a alternativa de despertar o corpo a defasagem horária... sonambulismo? Um momento em que o corpo toma o relevo, ainda que o sono do sujeito indique até que ponto seu próprio corpo sendo impossível de apropriar-se em seu mistério. Como analistas, não anunciamos um despertar completo (que segundo Lacan só pode ser a morte). A síncope entre o sujeito e o corpo permanece, é o *parlêtre* como tal. A análise pode tornar possível outra solução que não seja o “sonambulismo” no uso dos corpos?

A bela redefinição da pulsão por Lacan talvez nos permita conceber o enodamento, desde o tratamento até o uso do corpo. Se “as pulsões são o eco no corpo de que há um dizerr”...⁶ isso significa que a palavra faz uso do corpo com a condição de que isto seja permitido pelo sujeito. Neste uso, o corpo se converte no campo de ressonância da voz do Outro, uma paisagem para seu eco no lugar de um objeto fechado e inteiro.

No dicionário de etimologia francesa, o uso se define em primeiro lugar como “prática geralmente recebida”, “um costume”, “usar algo”, “uma função particular” e também como “a forma de ser de alguém”. Aqui minha ideia é que, no uso, o emprego do corpo é mais direto do que no tratamento. Talvez seria possível dizer também que o tratamento de um organismo pela palavra que o converte em um corpo é o que permite seu uso. Ou a suposição feita no tratamento seria posta à prova no uso? Se este passo fosse tão simples, não teríamos muito trabalho.

Para o uso cuidadoso de algo, é preciso ter um certo saber-fazer. É o *know-how* em inglês. O *how* é “como”, que implica a atenção ao detalhe dentro de uma determinada estrutura deste *know*, “um saber”. No uso, o “como” está ao mesmo tempo presente em um instante e imediatamente esquecido no propósito deste uso. Quando o “como” deste saber fazer é um modelo muito acentuado, isso é a maneira. A alegria de se esquecer neste “como” é o estilo. Volto aqui muito brevemente sobre o estudo de Agamben que não implica que o uso signifique o domínio do corpo. Esta não é a ideia deste pequeno comentário sobre o saber-fazer. O importante é que, através do uso, o corpo é o espaço mesmo da reação indireta do humano com o ser que falta. É a potência criadora deste verbo que está em jogo, e seu uso - o uso do uso, diria eu, que requer tempo e repetição para verificar seus efeitos para cada um.

Ao enfatizar o “como” da maneira e do estilo, me parece que há uma surpreendente proximidade com esta sutileza linguística que Soler nos assinalou em Lacan – a de postular

⁵ Refiro-me a «*Colorless green ideas sleep furiously / Furiously sleep ideas green colorless*» comentado por Noam Chomsky em seu livro *Estruturas sintáticas* que foi citado por Lacan em sua primeira lição do Seminário XII, *Problemas cruciais para a psicanálise*, lição de 2 de dezembro de 1964, inédito

⁶ LACAN J. *O Seminário, livro XXIII, O sinthoma*, lição de 18 de novembro de 1975.

uma *corpo-reação* como o que permite um vínculo dos corpos através dos efeitos do gozo que devem algo aos milagres da linguagem.

Continuamos em Buenos Aires!

Tradução: Ana Laura Prates